



## UM SIM QUE COMPROMETE

Se a confiança do coração estivesse no começo de tudo... Ela torna-nos disponíveis para a audácia de um sim para toda a vida.

No Evangelho, Cristo Jesus fala de um jovem chamado para ir trabalhar numa vinha. Esse jovem responde:

- *Não irei.*

Em seguida corrige-se e vai. É o sim.

Um outro ouve o mesmo chamamento. Responde:

- *Irei.*

Mas não vai. O seu sim foi um fogo-de-artifício.

Esta narração do Evangelho fala-nos de um sim muito grave, um sim para seguir Cristo toda a vida.

Para alguns a audácia dum sim encontra a sua resposta no apelo de Cristo à fidelidade do casamento.

Neste tempo em que se dão tantas rupturas familiares, os que escolhem o casamento serão capazes de assumir este desafio com perseverança até ao último suspiro? A perseverança é o reflexo da fidelidade do próprio Cristo.

Quantas crianças são marcadas pelo abandono humano e assim perdem a confiança essencial na vida! Muitos jovens foram feridos na inocência da infância ou da adolescência. Ao não poderem confiar naqueles que lhes tinham transmitido a vida, a confiança em Deus é também ofuscada e conhecem os desertos do coração. Nada dilacera tanto como as rupturas afectivas. Os desencantos aparecem e com eles a interrogação céptica: Para quê existir? A vida terá sentido sem amor?

Cada lar será uma «pequena igreja de Deus», uma «igreja doméstica», um local de acolhimento, de oração, de fidelidade, de misericórdia para todos os que o rodeiam?

No celibato Cristo também nos chama a segui-Lo com um sim para toda a vida.

Quem compreende que este sim compromete toda a vida pode ter

medo. Presente-se um imenso desconhecido. Tem toda a vida à sua frente. Como conseguir aguentar? Quem é feito interiormente para um tal dom de si? Ao princípio é a hesitação e o não, num sobressalto quase inerente à condição humana.

Mas eis que um dia, com espanto se surpreende a caminhar, a seguir Cristo. Um sim tinha sido depositado no mais profundo do seu ser, no inconsciente humano.

Ao deixar subir este sim das profundezas de si mesmo é possível dizer: «Quero».

O que cativa mais na narração desta períclope do Evangelho é que o jovem começou por dizer não.

Mas ele compreendeu que a sua recusa era como uma alienação. Se ele continuasse a dizer não, já não seria coerente com o que o habitava, o Espírito de Deus que, nas suas profundezas, dizia sim, o mesmo sim do coração de Maria.

Uma vocação de Deus não desejada poder-se-á impor ao ponto de um dia ser preciso aceitá-la? Jeremias, o profeta, escrevia a sua própria experiência: «Eu dizia a mim mesmo: não pensarei mais em Deus, não falarei mais no Seu nome. Mas havia em mim como um fogo devorador, no mais profundo do meu ser. Eu queria pará-lo mas não consegui».

Um sim por causa de Cristo compromete. Coloca-nos na impossibilidade de fugirmos de nós próprios e das solidariedades essenciais.

Às vezes este sim sacode. Nunca é cómodo ser-se desinstalado - a condição humana tem fragilidades que não gostam de abanões.

Este sim conserva-nos alerta. Mantém os olhos abertos. Poderá este sim deixar-nos adormecer ou dormir? Poderá este sim fugir a Cristo na comunhão do seu Corpo, a Igreja sacudida de todos os lados, e fugir ao mundo trabalhado de provações?

Este sim para toda a vida é fogo. É um desafio. Um fogo que jamais se apaga. Um sim que incendeia uma grande paixão interior. Este sim compromete. Ele não podia ser de outro modo.

*Irmão Roger de Taizé  
1979, Paixão de uma espera*